

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS E
GESTÃO EDUCACIONAL – MESTRADO PROFISSIONAL

Sabrina Marafiga Cardoso da Silva

**UM OLHAR PARA AS INFÂNCIAS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO
FUNDAMENTAL DE SANTA MARIA**

PRODUTO TÉCNICO EDUCACIONAL

Santa Maria, RS
2023

UM OLHAR PARA AS INFÂNCIAS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DE SANTA MARIA

PRODUTO TÉCNICO EDUCACIONAL

TRABALHO DOCENTE: DA UTOPIA A REALIDADE, SONHOS VIÁVEIS!

O trabalho docente foi um conceito apresentado à banca na ocasião da defesa do Projeto de Dissertação, como foco principal do trabalho e da pesquisa que seria desenvolvida. O trabalho teve redirecionamentos muito importantes e que fazem nessa versão final apresentar uma pesquisa realizada com as crianças da EMEF São João Batista.

Ainda assim, tem-se claro que a abordagem realizada com as crianças traz elementos muito importantes para pensar o trabalho docente nas escolas. As crianças revelam suas emoções, as quais foram mencionadas através da emoção do **medo, entre os medos comuns a qualquer criança (medo de sapo, de rato, de escuro, de ficar sozinho). O medo de ficar pobre para o resto da vida foi o que** se relacionou com a compreensão de que as crianças têm de classe social, visto que se entende, a partir desse medo, que ela não quer pertencer a esse grupo econômico-social para o resto de sua vida, pois evidencia que ser pobre não é algo bom.

Da mesma forma, através de seus sonhos, pode-se conhecer os sonhos e desejos das crianças, como elas se sentem em relação à escola e ao seu entorno. As crianças gostam de estar na escola, pois nela o espaço de ser criança e viver o brincar é respeitado. Também foi possível interpretar seus desenhos e falas em relação a como veem à vida e o mundo em que vivem.

Em função de que os resultados desta pesquisa estão voltados indiretamente ao trabalho das professoras com as crianças, o Produto técnico-educacional desta pesquisa será um Encontro com a equipe da EMEF São João Batista. O objetivo é contribuir com a qualidade do trabalho desenvolvido, bem

como de acolher as professoras em seus possíveis anseios relacionados a vulnerabilidades da maioria das crianças.

Ao ter contato com as produções que tematizam o Trabalho Docente, entende-se que os estudos referem-se à profissionalização da atividade de cada professor, remetem-se a toda uma trajetória histórica, tematizando como se constituiu a profissão professor, perpassando pela vocação em educar e cuidar, pela busca do magistério e depois pedagogia, estudos das legislações que organizaram e definiram a organização do trabalho do professor com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) n. 9.394/96 (BRASIL, 1996).

A nova redação dada ao artigo 61 da LDB, n. 9394/96, atribui caráter amplo ao que se define como profissionais da educação escolar básica, como se pode observar em sua nova redação:

Art.61: Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são:

I - professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio;

II - trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas;

III - trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim.

Outra reflexão que muitas vezes me inquieta é referente a quem é considerado professor. Às vezes, no senso comum, parece que qualquer pessoa pode “atuar” na área da educação e o trabalho do professor não é respeitado quando “todos”, como por exemplo a família, o estado, querem interferir nesse processo.

Compartilho neste último tópico do trabalho, relacionado ao Trabalho Docente, uma memória de quando era acadêmica, ainda em formação inicial. Durante a graduação, realizei várias atividades práticas, com inserções nas escolas e em uma delas, quase no final do curso, uma inserção “pré-estágio”. Recordo-me de que, após alguns dias vivendo a experiência de estar dentro da escola, observando, registrando, planejando e colocando em prática, era preciso realizar um trabalho escrito, um relatório, uma síntese com reflexões articulando a teoria que se estava estudando.

Nesse registro, ainda não sabia a professora que queria ser, nem tão pouco percebi a professora que eu já estava me tornando, porém sabia a professora que não queria ser, as práticas que não pretendia realizar. Precisava, naquele momento, pensar nas intenções para o estágio que estava se aproximando, compreendia que era normal estar cheia de incertezas e dúvidas a caminho dos estágios finais, porém estava tão convicta dessa concepção que mais tarde “recortei essas certezas” e inseri essa parte do registro no meu Trabalho de Conclusão de Curso (SILVA, 2019, p. 22-23):

*Eu **não quero** trabalhar de forma que eu veja a turma como um todo pois as crianças não são iguais;*

*Eu **não quero** trabalhar com datas comemorativas sem pensar no real interesse e necessidade das crianças;*

*Eu **não quero** chegar na sala sem ter planejado baseado em observação e reflexão.*

*Eu **não quero** fazer a minha prática da mesma forma todos os dias.*

*Eu **não quero** excluir nenhuma criança.*

*Eu **não quero** alfabetizar crianças na educação infantil.*

*Eu **não quero** priorizar interesses dos adultos acima dos direitos das crianças;*

*Eu **não quero** ser uma professora fria, sem sentimentos e sem sensibilidade;*

*Eu **não quero** ser uma professora que subestime a capacidade das crianças em aprender.*

*Eu **não quero** ser uma professora que não interaja e brinque com as crianças.*

Dessa forma, fui constituindo-me como docente, porém, sempre continuei e continuo aprendendo, compreendendo que existem muitos saberes necessários para a prática educativa, como bem escreveu Paulo Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia*.

Apesar desta pesquisa ter sido realizada com a participação das crianças, considera-se também a importância de ouvir as professoras, entender o ponto de vista delas sobre a vulnerabilidade das infâncias, sobre como as crianças vivem esse dia a dia na escola, como elas sentem essa vulnerabilidade, essa condição impacta o seu trabalho docente em sala de aula. Freire (1996) ensina tanto, nesse livro tudo é tão importante que, se fosse possível, citaria todo o livro,

pois os saberes mencionados na obra de Freire (1996) são fundamentais a prática do professor, saberes que penso e concordo que todo docente deveria ter ou ao menos procurar ter. Além dos saberes mencionados por Freire (1996), segundo ele, também é preciso compreender que todos são seres inacabados, o que me faz compreender também que não basta ter o entendimento de todos os saberes necessários para ser um bom professor, pois sempre haverá novos e outros saberes a serem aprendidos e/ou transformados.

Nesse livro, Freire também fala da escuta, mas não a escuta de simplesmente ouvir e sim uma escuta de querer ver, uma escuta de falar *com* os educandos e não *aos* educandos, visto que é só escutando que se está também falando, dialogando, conhecendo, respeitando. Entendo também que é escutando que se é escutado e compreendido na prática docente.

Partindo do saber da escuta também é possível associar a ideia de que *educar não é transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 1996, p. 24). Se se escuta os educandos, se dialoga com eles, não se está “depositando” conhecimento e sim aprendendo com eles, pois: “[...] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado [...] Não há docência sem discência [...] Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender [...]” (FREIRE, 1996, p. 25).

Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, e é escutando aos educandos que se estará respeitando-os e assim terão os seus saberes da mesma forma respeitados. Acredito muito na educação como ferramenta de transformação, e Freire (1996) também menciona esse aspecto, para ele se deve dizer um não a ideologia de “aceitar e se conformar” com aspectos da vida que requerem atitudes de resistência ao que está acontecendo. Pode-se, sim, tentar transformar, pode-se intervir, fazer algo, ensinar é um ato político, a educação não é neutra, pode-se e deve-se posicionar.

Pensando dessa forma é que desejo dar continuidade ao Encontros na EMEF São João Batista, que encontros são possíveis entre as professoras, seu trabalho cotidiano refletindo sua própria prática.

Outras ideias de Freire (1996) que chamam a atenção estão nas afirmações de que ensinar exige pesquisa, exige criticidade, coerência, pois é

preciso fazer o que se fala, ser exemplo, remetendo-me à importância de promover Encontros formativos com as professoras

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar “quase natural”. Frases como “a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?” ou “o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século” expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora. Do ponto de vista de tal ideologia, só há uma saída para a prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada (FREIRE, 1996, p. 21).

A realidade pode ser mudada, pode ser transformada, o trabalho docente exige criticidade, curiosidade, criatividade, ação e quem tem esse estranhamento vai buscar, pesquisar, querer transformar a sua própria prática. Assim, já dizia Freire: “Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p. 31)”.

Freire (1996) fala também da ética, da estética, de que ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. “A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia” (p. 37). A educação é para todos, direito de todos, independente de cor, raça, religião, classe, entre outras diferenças. Além disso, ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores também.

Entendo o trabalho docente como algo desafiador, além de serem necessários os saberes citados no livro de Paulo Freire “Pedagogia da autonomia”, também é preciso estar em constante formação, sempre estudando, pesquisando, implicando-se com questões não só inerentes ao ambiente escolar como também externas à escola:

Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade, o professor que não leva a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe [...] a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor (FREIRE, 1996, p. 90).

Assim, entende-se o trabalho docente como uma prática que engloba o “Ser mais”, implica se envolver, afetar-se também com situações inesperadas, situações difíceis, como, por exemplo, com as demandas de uma comunidade vulnerável socialmente e com as crianças que vão para a escola mais especificamente. A vocação para a humanização, segundo a proposta freireana, é uma característica que se expressa na própria busca do *ser mais*. Na obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire concebe “ser mais” como desafio da libertação dos oprimidos como busca de humanização.

O ser mais é também identificar e superar as *situações-limite* no trabalho docente. Essas situações podem ser obstáculos, barreiras no trabalho do professor, mas como enxergá-las criticamente de maneira a transformar e superar esses obstáculos? Questões como a vulnerabilidade de uma comunidade impactam o trabalho docente do professor? Como o dia a dia de uma comunidade em situação de vulnerabilidade “entra na sala de aula” e no trabalho das professoras?

Para Freire a tomada de consciência de nossos condicionamentos, situações limites que nos oprimem como seres humanos, deve proporcionar um novo impulso essencialmente vital à existência humana, a saber, o *sonho* e a *esperança* que constituem a construção da *utopia* humana na história. Esses impulsos, são os que nos movem na direção de uma intervenção transformadora no mundo concreto visando à superação de todas as *situações limites* que nos oprimindo enquanto seres em busca do próprio “ser mais” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008, p. 381).

As situações limites encontradas não só na vida pessoal, mas dentro da escola, estão relacionadas também a outra categoria teórica freireana, os *inéditos viáveis*. E o que seria/significa esta expressão “inéditos viáveis”? Encontrei em um texto escrito pela esposa de Paulo Freire, a Ana Maria de Araújo Freire, intitulado “Utopia e democracia: os inéditos-viáveis na educação cidadã”, no qual ela inicia a explicação dessa expressão com um exemplo, a “Escola Cidadã”, a qual foi ineditamente viabilizando-se a cada dia. A partir desse exemplo pude entender e compreender que inédito vem de algo que ainda não existe, mas é algo possível, é viável de acontecer. Então inédito viável é fazer algo que ainda não tenha sido feito, porém que é possível de ser feito.

O inédito-viável não é uma simples junção de letras ou uma expressão idiomática sem sentido. É uma palavra na acepção freireana mais rigorosa. Uma palavra-ação, portanto, práxis. Uma palavra

epistemologicamente construída para expressar, com enorme carga afetiva, cognitiva, política, ética e ontológica, os projetos e os atos das possibilidades humanas. Uma palavra que traz nela mesma o germe das transformações possíveis voltadas para um futuro mais humano e ético. Uma palavra que carrega no seu âmago, crenças, valores, sonhos, desejo, aspirações, medos, ansiedades, vontade e possibilidade de saber, fragilidade e grandeza humanas (FREIRE, 2000, p. 15-16).

O conceito acima definido pela autora também remete a outro conceito bastante utilizado nas obras de Paulo Freire, a *utopia*, porque é utópico o significado dessa palavra-ação “inédito-viável”, utópico no significado de “sonho”, mas também de algo quase que “impossível” de tão perfeito que seria. Ele traz boniteza, ética, humanidade, entre outros sentimentos e significados que também soam como poesia, conforme o autor continua abaixo:

Carrega inquietude sadia e boniteza arraigada da condição de ser-se homem ou mulher. Palavra na qual estão intrínsecos o dever e o gosto, como gostava de dizer Paulo, de mudar-mos a nós mesmos dialeticamente mundo a mundo e sendo por esse mudado. Que traz na essência dela mesma o que sentimos, desejamos, lutamos e sonhamos. O que nos incomoda, nos inconforma e nos entristece nas fraquezas dos seres humanos levados pela ingenuidade verdadeira ou pela deformação da antieticidade [...] (FREIRE, 2000, p. 15-16).

Nesse excerto, também corroboro a ideia de mudar a si mesmo dialeticamente, ou seja, mudando o mundo e ele mudando a cada um, como já mencionado, a educação pode mudar, pode transformar, pode criar, com educadores e educadoras que tenham essa coragem de ver e querer fazer algo. Continuando com FREIRE (2000, p. 15-16), o significado de inédito-viável é aquilo:

[...] Que nos dá a todos e todas, quando o problema é já um percebido destacado, a unidade necessária do presente de lucidez, alegria e transparência do sonho, em processo ontologicamente humano, que, se nos aponta como possível; com o passado de injustiças, tormentos e sofrimentos que nos afligiu a tal ponto que o percebemos destacadamente como um problema à espera de solução; e com o futuro de acolhimento mansamente inquietante, de paz de consciência pelo resgate da eticidade e do sentimento e certeza de que tu vai, precisa e deve continuar em processo ininterrupto de mudanças para concretizarmos o sempre mutante ser mais de todos e todas nós.

Nesse sentido, compararam-se as agendas de acolhimento realizadas na EMEF São João Batista, como um exemplo de inédito-viável, o qual está ineditamente se viabilizando por meio das práticas desenvolvidas naquele

espaço educacional. Por isso, compreende-se a necessidade de dar continuidade a esse trabalho, visto que reflete na vida das crianças. A pesquisa de Costa 2023 ressalta que: “Para além da sensibilização com o contexto de vida das crianças, é preciso também avançar na qualificação do fazer docente para que a escola seja um espaço de acolhimento, aprendizagem e transformação social” (p. 44).

Dessa forma ouvir as professoras, entender o ponto de vista delas sobre a vulnerabilidade das infâncias, é também uma forma de acolhimento, visto que é necessário também acolher aquele que acolhe.

SISTEMATIZAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL DA PESQUISA

Para dar seguimento a esse trabalho desenvolvido na e pela escola, pensou-se como produto desta pesquisa na Proposta de um **Encontro formativo** com todas as professoras da escola. Será feito um **Encontro formativo** com a intenção de compartilhar os dados da pesquisa. Diante dos materiais coletados e produzidos pelas crianças, pensou-se ser importante que as professoras saibam e tenham conhecimento de como as crianças olham para as situações de vulnerabilidade em que estão inseridas.

Saber como é para elas e não como se pensa que seja, o que sentem, quais seus medos e sonhos pode contribuir no trabalho desenvolvido pelo professor dessa escola. Para isso, pensa-se em desenvolver a proposta a qual possa proporcionar um encontro formativo, com exposição de fotos, registros dos momentos em que a pesquisa ocorreu na escola, além de reflexões referentes à pesquisa. A proposta está organizada da seguinte forma:

O encontro ocorrerá após as primeiras semanas de aula do ano letivo da escola em 2024, visto que, nas primeiras semanas, geralmente as escolas se organizam para receber as crianças, realizam o processo de acolhimento, agendam entrevistas com as famílias, por isso se pensa num segundo momento.

A proposta está pensada da seguinte forma: na sala multifuncional todas as professoras da escola serão convidadas a participar desse momento junto à equipe gestora da escola. Será sugerido que esse Encontro conste na agenda de acolhimento da escola, visto que, de certa forma, estará “acolhendo” a equipe da EMEF.

Primeiramente a pesquisa será apresentada às professoras, as quais também poderão percorrer pela sala, local em que estarão as imagens registradas durante a pesquisa. Também haverá frases ditas pelas crianças e reflexões da pesquisadora, ambas escritas durante a inserção na escola. Durante o encontro será servido um lanche e, após o lanche, ocorrerá a leitura do livro “Sacola de sonhos”, dessa vez a leitura será para as professoras. Em seguida, elas serão convidadas a escreverem cartas sobre o que sonham. Além dos sonhos, também poderão refletir sobre o que as tocou/afetou após a apresentação dos dados deste estudo.

Uma segunda leitura compartilhada com as professoras será uma carta do Livro “A casa e o mundo lá fora. Cartas de Paulo Freire para Nathercinha”, o qual traz várias cartas escritas por Paulo Freire durante o tempo em que esteve fora do Brasil, exilado; a autora do livro é Lacerda Nathercia, uma prima de Paulo. A intenção dessa leitura será de estimular e convidar as professoras a escreverem cartas sobre as suas experiências vividas na Emef São João Batista com as crianças.

Futuramente um e-book será organizado com as narrativas das professoras bem como uma narrativa da pesquisadora e da equipe gestora da escola.

NUP: 23081.027665/2024-99

Prioridade: Normal

Ato de entrega de dissertação/tese

134.334 - Dissertação e tese

COMPONENTE

Ordem	Descrição	Nome do arquivo
17	Produto de pesquisa de dissertação/tese (134.334)	PRODUTO SA.pdf

Assinaturas

08/03/2024 19:32:24

SABRINA MARAFIGA CARDOSO DA SILVA (Aluno de Pós-Graduação - Aluno Regular)

05.10.20.02.0.0 - PG em Políticas Públicas e Gestão Educacional - Mestrado Profissional - 42002010159F0



Código Verificador: 3937376

Código CRC: b71ba1fe

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>

